

A INVENÇÃO DA PRAIA

O modo de apreciar o mar, o olhar dirigido às populações que freqüentam suas margens, não resultam apenas do tipo, do nível de cultura, da sensibilidade própria do indivíduo. A maneira de estar junto, a convivência entre turistas, os signos de reconhecimento e os procedimentos de distinção condicionam igualmente as modalidades de fruição do lugar. O emprego do tempo e o arranjo do espaço impostos pelas formas de socialibilidade que se organizam para depois se manifestarem à beira do mar, a gama das distrações, dos prazeres e das obrigações que daí resultam, esboçam a vilegiatura marítima, por enquanto em gestação. Convém analisar o modo como essa nova cena social se constitui, impelida pelo desejo de usufruir a beira-mar; o modo como antigas práticas são reorganizadas em função desse novo objetivo.

A GENEALOGIA DAS PRÁTICAS

A genealogia das práticas revela-se aqui bastante complexa, na medida em que os modelos iniciais sofreram numerosas reinterpretções sucessivas. É necessário, no entanto, evocar de saída o *otium* antigo, sem o qual a cadeia das influências permaneceria incompreensível. Certamente é difícil oferecer a prova quantificada da filiação direta, mas sabemos o quão arraigada se revela então a literatura latina do final da República e dos dois primeiros séculos do Império. “A vida das Luzes”, observa Daniel Roche,¹ “é filha do *otium*.” Os homens cultos não ignoram que as praias do mar, por mais que se mantenham desertas e repulsivas, foram outrora luga-

res de meditação, de repouso, de prazeres coletivos e de volúpia desenfreada. A imagem de Cícero retirado em Tusculum ou em Cumanum, a de Plínio, o Jovem, em Laurentes, perto de Ostia, a *villa* sorrentina de Pollius Felix descrita por Estácio e os conselhos de Sêneca sugerem a figura de um tempo de lazer cultivado.

A esse respeito, convém precaver-se do anacronismo. O *otium* antigo,² tal como se apresenta no espírito do homem das Luzes, não é sinônimo de ociosidade; difere profundamente desse repouso imposto pela racionalização ulterior do tempo, que nós chamamos de férias. O primado do objetivo ético induz um *otium*, *cum dignitate*, vivido como modo de construção de si. Na obra de Cícero, o *otium* indica um lazer escolhido, reservado aos *optimates* que se afastam por algum tempo da demanda das magistraturas, um fragmento de vida privada que o indivíduo organiza à sua maneira, evitando o duplo perigo da preguiça e do tédio; espaço de distensão que possibilita o exercício da inteligência e, se for o caso, prepara a ação futura; tempo de retorno às fontes que, paradoxalmente,³ se associa à ética triunfante na Inglaterra dos *Whigs* e da Revolução Gloriosa de 1688. Mais tardiamente, os conselhos de Sêneca incitam a identificar *otium* e vida contemplativa, à maneira estoíca.

O *otium* implica a *amoenitas* dessa *villa* de recreio cuja imagem ele ajudou a formar. Dominando a praia e o mar, a de Plínio em Laurentes⁴ oferece uma vista desimpedida que permite desfrutar a interpenetração da terra e da água. O romano de elite gosta, pelo menos é o que se diz então, que seu ouvido seja acariciado pelos ruídos agradáveis da natureza, pelo murmúrio da fonte, pelo sopro do vento nas árvores, pela percussão ritmada das ondas na praia. Eventualmente, experimenta o prazer de sentir a areia afundar sob o pé, ali onde vêm morrer as últimas ondulações da água.⁵ O *otium* implica a variedade; leitura, prazeres da coleção e da correspondência, tempo dedicado à contemplação, à conversação filosófica e ao passeio, são desfrutados alternadamente. O repouso ao ar livre é acompanhado às vezes de jogos pueris que a praia propõe: a pesca, a coleta de seixos ou conchas, a natação, conjunto de práticas que a amizade e a hospitalidade reúnem num feixe.

O *otium* é vivido seguidamente à beira do mar; o romano rico, proprietário de várias *villas*, cuida de que pelo menos uma delas se localize junto à praia. Do final da República até a metade do segundo século do Império,⁶ multiplicam-se as estações balneares às margens do Lácio e da Campânia, que se beneficiam de um verdadeiro

efeito de moda. No tempo de Plínio, o Jovem, uma linha quase ininterrupta de *villas* desenha-se nas costas vizinhas a Óstia, entre Terracina e Nápoles, e ao longo das praias da baía. Os ricos apreciam Antium, Astura, Gaeta e, mais ainda, Miseno, Pozzuoli, Pompéia ou esta Baía que Estácio ou Marcial consideram a rainha das estações, e Sêneca ou Propércio, o antro dos vícios. César, Pompeu, Antônio e vários outros possuem, como Cícero, uma *villa* nos arredores de Pozzuoli. Eles vêm durante a temporada, de preferência na primavera,⁷ a fim de encontrar aí o frescor e tomar banhos sulfurosos. A navegação de recreio, os esportes náuticos, os banquetes ao ar livre e a música contribuem para formar essa vida de volúpia que distancia algumas de tais estações do modelo do *otium*.⁸ O Grand Tour e a visita a Nápoles vêm avivar ou reatualizar na imaginação dos viajantes um modelo de lazer que, a partir de então, contribuiu para modelar o ritual social no meio rural inglês e nas estações termiais do interior.

Na França, onde a mediação das influências se mostra menos complexa e com uma tradição de vilegiatura mais recente, as filiações se apresentam com maior nitidez. Daniel Roche mostrou bem o peso do modelo do *otium* e, mais precisamente, o da academia de Tusculum sobre essa prática social acadêmica, cuja propagação na província francesa, no final do Antigo Regime, ele soube analisar.⁹ As redes de sociabilidade e o ritual de hospitalidade que se manifestam no seio da elite culta e viajante, descobrindo a si mesma na Europa das Luzes, não poderiam ser totalmente compreendidos sem referência ao modelo antigo. Após a visita a Edimburgo, o percurso das terras altas da Escócia, à maneira de Samuel Johnson, pressupõe a hospitalidade atenta e esclarecida dos *lairds*.^{*} Como antes acontecia durante a clássica viagem à Itália, também aqui se impõe a visita das celebridades.

É, todavia, na França revolucionária que escolherei o mais elucidativo dos casos. Em 1795, por ocasião de sua viagem à Bretanha, Jacques Cambry¹⁰ faz escala em Kerjégu, na casa de seu amigo Mauduit. Esta dá para o mar; de suas janelas, avista-se a ilha de Groix, as ilhotas Glénans e o recorte da costa. Uma vereda conduz aos bosque, aos vergéis e ao jardim de flores nas proximidades da praia. Mauduit, “nobre sábio”, possui em sua biblioteca Tibulo, Juvenal, Marcial e Virgílio; lê com facilidade Tasso, Ariosto e Pe-

(*) *Laird*: grande proprietário escocês.

trarca. Sua hospitalidade não tem limites; considera um dever acolher todo viajante “que visita as costas”. Sua esposa, sua filha Roxane, um jovem engenheiro e algumas outras senhoritas compõem o círculo dos amigos. Passeia-se pela praia, toma-se banho, em grupo, numa reentrância das rochas batizada de “banhos de Diana”; visitam-se as ruínas de castelos existentes na costa. À sombra de uma faia, os hóspedes de Kerjégu lêem Rabelais, Bayle, Molière; degustam ostras regadas a “vinhos de Ségur e de Ay, mais saborosos que o Falerno”. Enquanto isso, Cambry trabalha; classifica suas notas, prepara o relato de sua viagem. Em suma, através das próprias páginas dedicadas a Kerjégu, o funcionário do Diretório impõe a seu leitor a referência ao *otium*, “*cum dignitate*”.

Até a metade do século XIX, a areia ou o rochedo da praia possibilitarão a reconstrução do círculo primordial, familiar ou de amigos, que, ao se alargar, irá desenhar a sociabilidade da vilegiatura balnear, então balbuciante. Extensão por figuras concêntricas que Thomas Mann saberá, mais tarde, evocar muito bem em suas descrições da Travemünde de *Os Buddenbrook*. Mesmo assim, entre o modelo do *otium* antigo e essa prática da amizade e hospitalidade no meio da elite culta, interpõe-se uma série de imagens que vêm complicar a genealogia das práticas.

Sem esquecer o descanso da *villa* do Renascimento italiano e a influência bem conhecida de Palladio sobre a arquitetura aristocrática na Inglaterra, evoquemos uma avatar de futuro promissor: o que La Reynière define em 1791 como o “prazer que sucede ao trabalho”¹¹ e que é desfrutado em uma dessas quintas da região de Marselha cujo número não deixa de impressionar os viajantes. A bem da verdade, o recrutamento social e o ritmo de vida que ele implica distanciam do *otium* antigo esse hábito anunciador da modernidade laboriosa do weekend, tal como será em breve praticado em algumas estações balneares, próximas das grandes aglomerações inglesas.¹²

Observa Millin em 1808: ¹³

Nenhum marselhês um pouco abastado poderia privar-se de uma quinta [...]. O próprio artesão possui um casebre que ele chama de quinta [...]. Vai-se no sábado à noite; passa-se aí o dia de domingo na companhia dos amigos hóspedes, e retorna-se na segunda-feira de manhã.

Entre os negociantes marselheses, há o desejo muito intenso

de viver num lugar diferente daquele onde se tem suas ocupações, de sentir-se afastado dos negócios, das pessoas que poderiam falar deles, e de tudo aquilo que pode fazê-los lembrar.

Millin não teme afirmar que o marselhês trabalha a semana só para ir à sua quinta no domingo. “Mais de 50 mil almas saem nesse dia da cidade” e se dispersam em 5 mil quintas, um certo número das quais, construídas no flanco da *Vista*, dispõem de um terraço que dá para o mar.

A moda da casa de campo difunde-se então em toda a Europa setentrional, de acordo com modelos variados. Os britânicos e os provençais não têm o monopólio. Os viajantes a observam tanto na Holanda quanto na Dinamarca, mas é fácil perceber a distância que separa Kerjégu do “*otium* negociante” das quintas marselhesas. A vilegiatura marítima reagrupará em feixe essas práticas multiformes.

Nesse domínio, o essencial continua sendo a inventividade inglesa. O modelo de vilegiatura balnear das *spas* do interior pesou fortemente sobre a invenção da praia. Brighton, sob muitos aspectos, parece um avatar de Bath. Em ambos os casos impõe-se o primado do objetivo terapêutico. O mesmo efeito de moda agiu, sucessivamente, em favor das duas estações, inicialmente freqüentadas, de junho a setembro, pelos membros da aristocracia e da *gentry*. Para estes, a temporada em Nice, Bath ou Brighton revela-se geralmente menos dispendiosa que a vida mundana que convém animar nos castelos da zona rural inglesa. É por medida de economia que os Elliot, heróis de *Persuasion*, de Jane Austen, decidem passar a temporada na mais célebre das *spas*. Bath, e mais tarde Brighton, onde a vida social é estritamente codificada e ritualizada, possibilitam, com menores custos e num espaço mais cerrado que em Londres, verificar sua posição e praticar a “caça ao marido”. O círculo reduzido das visitas, dos passeios e das excursões, o pequeno número de locais de reunião e das salas de espetáculo, facilitam o encontro que se deseja aparentemente fortuito. Enquanto isso, o luxo das livrarias e das butiques, a qualidade dos visitantes, a densidade dos *beaux*, ornamentam um local que os médicos, aliás, afirmam ser salutar. Enfim, é fácil escapar aqui ao olhar das pessoas de idade madura, que às vezes hesitam em fazer a viagem, e ao controle de um clero rural demasiado atento à virtude de suas ovelhas de qualidade.

As distrações, o ritmo cotidiano de Brighton, são já familiares ao freqüentador de Bath ou Tunbridge-Wells. As estações marítimas, como as do interior, possuem estabelecimentos de banhos, livrarias-salas de leitura; as mais humildes dispõem de bibliotecas circulantes. Cada *spa* propõe uma variedade de passeios a pé e excursões. O banhista pode visitar ruínas célticas ou apreciar panoramas. À beira do mar acrescentam-se o passeio de barco e sobretudo o iatismo, cuja moda se desenvolve paralelamente à das estações marítimas.¹⁴ O baile, as salas de conversação e de jogos permitem passar agradáveis noitadas. Em Brighton, o *Castle Hotel* e o *Old Ship* rivalizam em sedução. Em 1766, o primeiro instala um salão de baile; no ano seguinte, o segundo¹⁵ dispõe de um conjunto de locais de reunião composto de um salão de dança, uma sala para jogos de cartas e uma galeria de concerto. Em 1783, têm lugar as primeiras corridas de cavalos junto às *Downs*. Em 1793, inaugura-se o passeio de Grove, primeiro jardim público da estação. Entre 1770 e 1807, William Wade, mestre-de-cerimônias imitador do Beau Nash de Bath, comanda a vida social de Brighton. É ele quem procede às apresentações, decide das questões de precedência, da etiqueta e das cerimônias no interior dos salões do *Old Ship* e do *Castl Hotel*. É ele quem mantém abertos, nas bibliotecas, os registros nos quais todo recém-chegado inscreve seu nome, para que seja publicado na coluna social da imprensa do lugar.

O encontro dos *invalids* e de seus médicos, a reunião de escritores, artistas e personalidades da moda, enriquecem, com o passar dos anos, o ritual da vilegiatura. Isso é testemunhado pelo diário de Frances¹⁶ — apelidada Fanny —, segunda filha do doutor Burney, autor de um apreciado relato de viagem. Ao passar uma temporada em Brighton em maio de 1779, ela é uma celibatária de 27 anos; no ano precedente, seu *Evelina* conhecera um certo sucesso. Frances Burney freqüenta as *spas*; circula entre Bath, Tunbridge-Wells e Brighton, para onde voltará em outubro de 1779 e outubro de 1782, desta vez em companhia do doutor Johnson. Conforme vimos, a jovem confessa o prazer que sente ao banhar-se quase todo dia, de manhã cedo. Em compensação, ela não diz nada sobre o pitoresco marinho; quando muito, assinala incidentalmente que o mar se encontra a alguns metros da casa dos Thrale, onde ela se hospeda em *West Street*. Mas se declara muito sensível ao frescor das brisas que, durante seus passeios no *Steyne*, lhe dão a impressão de reviver.

O teatro social sufocante que tem lugar em Brighton focaliza a atenção da jovem. Frances, sempre acompanhada, não tem um minuto para dedicar a si mesma. Em 1.º de novembro de 1782, decidirá não sair de casa, cansada da sucessão monótona dos gestos e dos ritos. Suas jornadas são polarizadas pelas conversas, de que ela nos dá amostras; conversas durante o chá ou o *whist*, trocas de opiniões nas bibliotecas, geralmente a respeito de obras literárias, a respeito de Pope, Gray ou Dryden. Às vezes, durante essas reuniões, procede-se à leitura pública de uma obra em preparação. No texto, ressalta a importância da troca de olhares: os jovens e os membros de suas famílias examinam atentamente Fanny. Reconhecem-lhe um certo charme e um look francês, o que é explicado por sua ascendência materna. Ela se aborrece a tal ponto com essa inquisição que chega a pensar em não mais sair. Por sua vez, não deixa de assinalar os jovens de boa aparência e julga com grande penetração psicológica os *beaux* da estação. É que o controle social, o olhar sedutor e a “caça ao marido” se revelam aqui sem o menor pudor. A senhora Thrale reconhece que gosta de ir ao *Steyne* para observar, o dia todo, os casais que passeiam e o propósito dos visitantes. As tendas de livros aí localizadas contribuem para fazer desse passeio pelo rochedo o pólo do teatro social. Os indivíduos são avaliados e designados conforme suas posses em cifras. Aqui, como à noite no *Old Ship*, no baile ou nas salas de jogos, os jovens oficiais da Marinha, nesse período de guerra americana, gozam de um grande prestígio. O teatro, propriamente, revela-se detestável, e Frances sofre ao assistir à representação da *Tempestade*, de Dryden, o qual, segundo ela, massacrou a peça de Shakespeare. Em suma, se não soubéssemos da jovem adepta do banho de mar, haveria pouca coisa nesse gênero de vida que revelasse algum prazer em frequentar a proximidade da Mancha.

É a impressão de estar em uma Bath transferida para a beira do mar que faz com que Torrington execre Weymouth, embora a praia conserve aqui, mais claramente que em Brighton, o ritual da vilegiatura. O baronete, vindo visitar, na temporada de 1782, sua mulher e duas de suas amigas instaladas em uma *lodging house*, desfruta plenamente os prazeres do exercício à beira-mar; em compensação, detesta o estilo da vida social.¹⁷ Convém dizer que, ao contrário de Fanny Burney, Torrington não convive com os escritores. Ele abomina a excessiva feminidade do lugar, as doenças imaginárias, as fadigas prematuras das mulheres, a presença dos *beaux*

caçadores de dotes e a ausência da juventude viril que combate na América. As conversas e os chás o aborrecem; não se fala de outra coisa a não ser da “temporada”. Torrington detesta as excursões, seu caráter obrigatório. Se ele se submete à moda, se assiste às regatas e aceita participar de um tour à ilha de Portland, logo se arrepende e deplora um costume que causa a perversão dos insulares, até então virtuosos. Nosso Alceste* considera excessivos os preços praticados em uma estação que ele gostaria de ver reservada aos enfermos e convalescentes; sente falta da caça, do jogo e dos bebetes caros à *gentry*. A diatribe de um viajante rabugento, de temperamento viril, que participou da guerra americana em Yorktown [Virginia], tem o interesse de sublinhar a formalização da vida social na Weymouth de 1782.

Entre 1755, data da instalação do doutor Russell em Brighton, e o final dos anos 1780, elaborou-se na Inglaterra um modelo de vilegiatura marítima que aos poucos foi se impondo, com uma defasagem temporal que a guerra naval não é suficiente para explicar, ao longo das praias do Báltico, do mar do Norte e da Mancha. As estações balneares continentais, ao contrário das da Grã-Bretanha, edificadas gradativamente em função dos desejos e das necessidades,¹⁸ serão geralmente concebidas em bloco, de acordo com um projeto voluntarista às vezes patrocinado pelas autoridades, em torno de um estabelecimento de banhos único, destinado a polarizar as atividades terapêuticas, lúdicas e festivas do lugar. Três etapas marcam o processo. Entre a paz de 1783 e a retomada da guerra naval em 1792, alguns estabelecimentos precários, como os de Ostende e Boulogne, tentam satisfazer uma clientela inglesa instalada na proximidade de portos conectados a Dover. De 1792 a 1815, durante o período das hostilidades, multiplicam-se as estações balneares projetadas pelos soberanos alemães cujos Estados margeiam o Báltico e o mar do Norte. Enquanto isso, lá onde fora criada uma clientela inglesa, se observa o declínio. Ostende, Scheveningen e sobretudo Boulogne estão por demais envolvidas no conflito para que possa se manifestar livremente aí uma verdadeira vilegiatura balnear. Depois de 1815, restabelecida mais uma vez a paz, o afluxo de ingleses estimula novamente o surto de estações que os continentais adquirem o hábito de frequentar. Desse ponto de vista, a década de 1820 revela-se decisiva. É então que se constroem os

(*) Personagem principal do *Misanthropo*, de Molière. (N. T.)

primeiros grandes estabelecimentos de banhos e se estrutura, sobre um modelo inglês reinterpretado em função dos temperamentos e dos costumes nacionais, uma vida social específica. Esse esboço requer, no entanto, ser detalhado.

O surto da vilegiatura marítima revelou-se mais precoce na Alemanha que na França.¹⁹ Os cientistas germânicos tinham já conhecimento dos trabalhos relativos aos benefícios da água do mar quando, em 1793, o doutor Georges-Christophe Lichtenberg introduz a novidade.²⁰ Em 1774 e 1775 o médico havia residido em Margate e mostrara-se muito impressionado com Deal, de que fará um modelo. Satisfeito com uma estadia que ele julga ter sido muito benéfica, Lichtenberg pergunta, em um artigo de grande repercussão no almanaque de Göttingen;²¹ “Por que a Alemanha não possui estabelecimentos de banhos de mar” quando a Europa central dispõe de uma prestigiosa rede de estações termais? Em 1794, ano decisivo, inicia-se o debate que opõe os adeptos do Báltico aos do mar do Norte. Os segundos, tendo o apoio de Lichtenberg, argumentam com a amplitude das marés, das ondas de rebentação, com a salinidade da água e a areia mais fina. Os partidários do Báltico destacam um mar mais acessível, mais tranquilo, e águas que a fraca amplitude das marés torna geralmente mais aquecidas. Estes acabam levando grande vantagem, em parte graças ao apoio de uma sumidade: o doutor Samuel Gottlieb Vogel.

Sob a direção deste último, começa-se a edificar, a partir de 1794, a primeira das grandes estações balneares alemãs, a de Doberan, situada nas terras do grão-ducado de Mecklemburg-Schwerin. A cada ano, o doutor Vogel publica os resultados obtidos na cidade. Em 1797, e depois em 1809, o grande médico higienista Christoph-Wilhelm Hufeland fará por sua vez elogios a Doberan. Em 1822, um viajante anônimo descreve com precisão a vida social já intensa que anima a estação.²² Esta dispõe então de um clube para os banhistas, de um teatro, de um passeio construído nas imediações do castelo. A orquestra do grão-duque dá um concerto, diariamente, das doze às treze horas, no quiosque de música. Uma biblioteca fornece a leitura cotidiana; chás dançantes e grandes bailes são organizados em intenção dos 240 banhistas vindos em julho daquele ano, entre os quais figura o filho do soberano; além disso, os habitantes de Rostock vêm passar o domingo em Doberan. Na praia desenha-se a colunata do estabelecimento de banhos construí-

do em meio a um jardim. Um quebra-mar permite passear entre as águas.

A partir de 1794, numerosas estações são criadas ao longo do Báltico: Travemünde, fundada em 1800-02, próxima à cidade livre de Lübeck, revela-se já muito animada quando Édouard de Montulé a visita em 1822.

[...] criou-se aí um estabelecimento de banhos de mar; o prédio que se construiu para essa finalidade é imponente e mais bem cuidado que os de Bath na Inglaterra. Junto a uma praia espaçosa, onde o mar vem morrer sobre a areia, ergue-se um belo monumento com colunas, que abriga os banhos quentes; a uns duzentos passos atrás encontra-se um grande hotel e um imenso café com uma galeria bem arejada; o conjunto é cercado por um jardim inglês, que compreende em seu interior uma casa dividida em uma infinidade de belos apartamentos; ela é coberta de colmo, o que não prejudica o pitoresco do conjunto. Esses banhos são freqüentados por todos os habitantes ricos do norte.²³

Em 1802, o rei da Prússia encoraja a construção de um estabelecimento de banhos em Colberg. Rügenvald (1815), na costa da Pomerânia russa, Putbus (1816), na ilha de Rügen, abrigo de Friedrich, Zoppot (1821), perto de Dantzig, desenvolvida sob o impulso do doutor Haffner, e Swinemünde constituem as outras grandes estações balneares do Báltico; sem esquecer Warnemünde (1805 a 1821),²⁴ nas proximidades de Doberan, e duas praias do grão-ducado de Holstein, então pertencente à Dinamarca: Apenræde (1813-15) e Kiel (1822).

Os apreciadores de banhos de mar eram já numerosos em 1819, em Swinemünde,²⁵ antes da criação, entre 1822 e 1826, de uma moderna estação que conta com o apoio do rei da Prússia. Em 1827, 2 200 banhistas freqüentam seu clube e o estabelecimento de banhos. A maior parte aloja-se em casas dos habitantes, os demais em albergues; todos alugam por temporada. O clube oferece um bufê e refrescos; pode-se aí jogar bilhar e ler revistas. Um salão de música e uma grande sala de concerto para 130 pessoas completam o equipamento. Excursões são organizadas com destino às ilhas ou à foz do Oder.

Ao longo das praias do mar do Norte, os estabelecimentos são menos numerosos. Em 1797, porém, o doutor Van Halem, inspirando-se no modelo de Doberan, funda, apesar da hostilidade inicial dos habitantes, uma estação balnear na ilha de Norderney. Em 1800,

por ocasião da primeira temporada, 250 banhistas aí se reúnem; em 1820, um ano após a criação de um "banho de mar" do Estado, eles chegarão a 832. A ilha de Wangerooge, ligada ao ducado de Oldenburg, era freqüentada por banhistas desde 1801, passando a ser equipada três anos mais tarde. A essas estações virão acrescentar-se as de Cuxhaven (1816), no território da República de Hamburgo, e de Wyk (1819), na ilha de Föhr,²⁶ ao largo da costa oeste de Holstein, sem esquecer o estabelecimento da ilha de Helgoland (1826), então sob o domínio inglês.

Surpreendente revela-se o atraso das costas holandesas, levando em conta a antiguidade do banho em Scheveningen. O primeiro estabelecimento data apenas de 1818, embora não seja mais que uma pequena construção erguida por um pescador; afora isso, há Zandvort, perto de Harlem, que Stierling²⁷ considera, em 1830, a mais famosa estação do país. Quase tão tardia é a instalação de banhos ao longo das costas dos Países Baixos austríacos, que haveriam de tornar-se território do Império napoleônico, da Holanda e mais tarde, em 1830, da Bélgica. Apesar disso, a prática de banhos de mar era antiga em Ostende.²⁸ Durante o reinado de José II, muitos ingleses haviam se instalado ali, atraídos por sua condição de porto livre. Desde 1784 — o que constituía uma novidade no continente europeu — William Herket obtivera do imperador a autorização para construir uma cabana e vender refrescos aos banhistas. Em 1787, um círculo literário fora inaugurado em Ostende. A guerra impediu que a estação prosperasse. Durante o Império, os banhos tornam-se uma prática corrente, mas errática. É a paz que haverá de possibilitar um novo impulso. Uma rivalidade instaura-se então entre Spa e Ostende, que faz lembrar a que havia oposto Bath a Brighton. Será preciso, no entanto, aguardar a independência da Bélgica para que a estação seja equipada. Em 1837, a inauguração do primeiro cassino precede de pouco a do estabelecimento de banhos. A partir de então, os banhistas afluem a Ostende. Em 1846, Karl Marx fará aí uma estadia e, em 1854, o doutor Hartwig dedicará a essa estação uma obra, importante mas tardia, na qual irá se inspirar Michelet.

Quando Daniel Lescallier visita Boulogne em 1775, ele constata que um número bastante grande de ingleses ali reside. Uns, como acontecera com Smollet e mais tarde Townley, vêm tomar banhos de mar e tratar da saúde; outros não fazem senão uma pequena escala, no itinerário do Grand Tour; outros, ainda, se con-

tentam em enviar suas filhas para completar a educação em um convento francês ou procedem, entre famílias, a trocas que chamaríamos de lingüísticas.²⁹ Três anos mais tarde, Brissot, antes de sua partida para as ilhas britânicas, passa alguns dias em Boulogne, na casa de amigos escoceses.³⁰ Quando Samuel Ireland descreve a cidade em 1790, ela acaba de ser dotada de um estabelecimento de banhos, quentes e frios.³¹ A obra, acompanhada atentamente pela família real, que os acontecimentos impedirão de vir a Boulogne, revelou-se longa e onerosa. O construtor, depois de uma viagem à Itália, inspirou-se em um modelo mediterrâneo, e não nos banhos *open sea* * apreciados pelos britânicos; daí, provavelmente, o pequeno sucesso desse estabelecimento, de bela aparência, todavia.³²

É somente com o retorno da paz — e dos ingleses — que o senhor Viersal decide construir banhos na proximidade da entrada do porto. O estabelecimento, "de estilo dórico romano",³³ é inaugurado em 1824; inspira-se nos modelos de Brighton, Ramsgate e Dieppe. As banhistas dispõem de um grande salão particular, de uma sala de repouso, outra de refrescos e de um salão de música; os homens contam com uma sala de reunião, um bilhar e vários salões. As duas alas dão para um grande espaço decorado de pilstras e colunas jônicas, destinado a bailes e reuniões. Instalados confortavelmente em meio a um elegante mobiliário, damas e cavalheiros distraem-se com a leitura e jogos. O estabelecimento abre-se por um peristilo do lado do mar e por um pórtico do lado da cidade. Uma escada permite o acesso à plataforma que recobre o prédio e de onde é possível, ao abrigo de elegantes tendas, contemplar o mar e, com tempo bom, avistar as costas da Inglaterra.

Esse conjunto, certamente luxuoso, empalidece, porém, ao lado do verdadeiro hino ao mar realizado em Dieppe a partir de 1822 pelo arquiteto Chatelin para o conde E. W. de Brancas.³⁴ Trata-se aqui de uma revolução. Antes de 1822, com efeito, os turistas desejosos de banhar-se diretamente no mar não dispunham senão de alguns carros de banho e de um pequeno número de tendas espalhadas ao acaso pela praia. A ligação regular estabelecida com Brighton em 1824, a proximidade dos locais pitorescos da região de Caux e do vale do Sena, cuja beleza leva muitos turistas britânicos a escolher esse itinerário para chegar a Paris, impõem a idéia de

(*) Banhos *open sea*: diz-se de um estabelecimento destinado a fornecer a seus clientes todas as comodidades para se banhar diretamente no mar.

um luxuoso estabelecimento *open sea*, acompanhado de um hotel de banhos quentes instalado no interior da cidade.

Os banhos de Dieppe constituem, como os de Boulogne, um verdadeiro complexo destinado a ordenar toda a vida social da estação balnear. Frente ao mar desdobra-se uma galeria de mais de 100 metros de comprimento, com a forma de uma tenda sustentada por lanças.

A abóbada do pórtico é revestida de caixotões e rosáceas em toda a sua extensão. Do lado de fora, nichos gregos, embutidos nos pilares, abrigam quatro estátuas que representam os principais mares. Caramanchões, instalados nos ângulos, servem para guardar livros e jornais, e para a distribuição dos bilhetes de ingresso.³⁵

A galeria, interrompida na metade por um pórtico em forma de arco triunfal, termina, nas duas extremidades, em um pavilhão quadrado. O das damas consiste em um grande salão “que serve de local de reunião antes e após o banho”. Ele se comunica com duas cabines de repouso e de assistência para “as banhistas cujo estado exigisse cuidados particulares”.³⁶ Essas peças dão para o mar e para um jardim à inglesa que serve de passeio. O pavilhão dos homens é idêntico, a não ser quanto à “peça principal [que] serve de sala de bilhar”.³⁷ Uma escada circular conduz ao terraço que coroa o pórtico. Lunetas permitem examinar o mar... e a praia. Frente aos pavilhões estão instalados os pontões, guarnecidos de parapeitos, que os banhistas têm de percorrer para chegar ao mar, sob a conduta dos guias-juramentados. “Na entrada desses pontões há tendas móveis de pano branco e de brim”, onde “se deixam as roupas e se torna a vesti-las”.³⁸ A oeste do jardim, um restaurante oferece um bufê.

Defronte a Folkstone e Brighton, a França propõe assim, durante a Restauração, dois estabelecimentos de prestígio, cuja organização ambiciosa e racional contrasta com a exuberância um tanto anárquica das criações inglesas. Mas, afora esses dois pólos rivais — e excetuando-se Granville,³⁹ onde uma “cabana” é edificada em 1827 para atender os banhistas, Royan, que começa a atrair turistas no início dos anos 1820, e Biarritz, cuja originalidade conhecemos —, o resto quase inexistente.⁴⁰ O primeiro estabelecimento de banhos de mar de Sète só será inaugurado em 1834; mesmo assim trata-se de uma efêmera construção de madeira, sobre pilotis, substituída em 1839 por uma outra, também de madeira, e não menos

provisória.⁴¹ O deserto das praias do Calvados [Normandia] ilustra bem o atraso francês; ⁴² para percebê-lo basta ler o relato deixado por Dumas sobre sua estadia em Trouville, em 1832, no albergue de tia Ozeraié.⁴³ O modesto estabelecimento, também freqüentado por Paul Huet, Engène Isabey e sobretudo Charles Mozin,⁴⁴ parece afastado de tudo, no centro de uma pobre aldeia de pescadores. A prática esporádica do banho de mar que se observa aqui e ali, em Courseulles, em Luc, em Carolles, em Pornic, não seria suficiente para negar a ausência dessa vida social de tipo aristocrático que define então a vilegiatura balnear.

A complexidade do caso de Biarritz merece um exame mais detido. Aqui, conforme vimos, o propósito hedonista supera inicialmente o projeto terapêutico. Os habitantes de Bayonne, reunindo-se alguns dias do ano com os aldeões do país basco, tinham há muito tempo o hábito de vir molhar-se nas ondas, no verão, em meio aos rochedos de Biarritz. A importância adquirida por Bayonne durante a guerra da Espanha acentua a moda da estação. Por duas vezes Napoleão banha-se aí em junho de 1808, não sem antes enviar missões de reconhecimento para evitar ser vítima de uma incursão inglesa.⁴⁵ Durante a monarquia censitária, a fisionomia da praia se complica. À antiga prática superpõe-se claramente a *fashion* inglesa. Segundo Auguste Bouet, que descreve Biarritz em 1837,⁴⁶ turistas de Paris, Bordéus e Lyon comparecem para alugar por temporada. A partir de 1835, o afluxo de refugiados, vítimas da Guerra Civil Espanhola, e depois o dos carlistas, aumentam a clientela. Desde então, Biarritz torna-se o reduto de duques castelhanos, lordes ingleses e condes franceses. Estes encontram aí os artesãos, as costureirinhas galantes e os *beaux fils* de Bayonne, habituados aos prazeres requintados; com exceção dos que se refugiam então em Guetaria ou Saint-Jean-de-Luz [praias próximas]. Na manhã dos domingos de julho, o acesso à Espanha encontra-se congestionado; à noite, uma fila ininterrupta de veículos sulca a estrada de Biarritz. Aqui, porém, não há vida social organizada como em Brighton, Dieppe ou Doberan. Já em 1784, o prefeito e os vereadores haviam recusado a um carpinteiro “a autorização de estabelecer no Velho Porto alojamentos ou guaritas para receber os banhistas”,⁴⁷ e, em 1837, o turista não encontra no local senão uma dezena de casinhas de madeira onde pode mudar de roupa.

Convém, portanto, distinguir cuidadosamente esses locais naturais, onde se manifesta um prazer espontâneo e muitas vezes popu-

lar, que encontramos também sob uma forma um pouco diferente nos arredores do Havre ou de Saint-Briec,⁴⁸ e o equipamento racional de praias destinadas a um público distinto, de emoções cuidadosamente orientadas, controladas e enaltecidas, no centro de um faustoso teatro de pedra, jardins verdejantes e areia. O palácio neoclássico do mar construído em Dieppe, que impõe a identificação culta da banhista com a ninfa, hino à beleza, à sensualidade discreta e à fragilidade feminina, inscreve-se em uma cena que visa, ao mesmo tempo, a exaltar e canalizar o desejo do mar, saciado aqui com o luxo e a púdica ostentação dos corpos.

O AJUSTAMENTO DO ESPAÇO E DO DESEJO

Em 1822, um estabelecimento como o de Dieppe, através do desdobramento dos terraços e dos pontões, permite harmonizar o espaço onde evolui o banhista e seu desejo da beira-mar. Mas nessa data, e já há alguns anos, opera-se na Inglaterra um processo mais amplo de ajustamento do espaço e das pulsões. Convém notar que essa organização deliberada dos locais de banhos é bem posterior à proliferação do discurso sobre o pitoresco do mar, à busca do panorama e à confissão do prazer provocado pelo contato da areia, da água e do rochedo. Com efeito, será preciso aguardar os anos 1820 para que se manifeste a arquitetura do mar, destinada à embaraçosa magnificência que todos conhecemos.⁴⁹ Seu surgimento sanciona a ascensão do desejo de respirar o ar marítimo, num momento em que a tísica dos românticos goza do maior prestígio.

Brighton, sob esse aspecto, constitui o mais evidente dos laboratórios onde germina a inovação.⁵⁰ No final do século XVIII, o célebre *Steyne*, percorrido por Fanny Burney e seus amigos, não era senão um vasto terreno abandonado, uma propriedade comunal. Os pescadores vinham aí secar suas redes nauseabundas, pequenos porcos vagavam em liberdade, um riacho imundo, às vezes vazando com as cheias, transformava a área num charco; os passeantes não podiam se afastar muito do que então não era mais que uma simples picada. Por muito tempo, nas estações balneares do litoral, o traçado dos passeios testemunhou uma paradoxal indiferença para com o pitoresco marinho. Em Dieppe, a quase totalidade das casas alugadas pelos banhistas durante a Restauração têm as costas voltadas para o mar, e a primeira *villa* de Biarritz data de 1841. A partir